O SISTEMA SILÁBICO DO GUINEENSE MODERNO: A POSIÇÃO DE CODA

Priscila Matos Costa[1]
Shirley Freitas[2]

RESUMO

Esta pesquisa busca entender o sistema silábico do guineense, analisando quais consoantes podem ocupar a posição de coda. O estudo se justifica, pois a coda no guineense é um tema pouco estudado e pouco aprofundado, além disso, são divergentes, não havendo consenso sobre os segmentos que poderiam ocupar a posição de coda de acordo com Chapouto (2014) e Costa (2014).Do ponto de vista metodológico, foram feitas pesquisas bibliográficas e buscas no dicionário de Scantamburlo (2002) com a finalidade de verificar os segmentos possíveis fonologicamente na posição de coda. Para isso, foram feitas entrevistas com alunos guineenses que vivem no Brasil. As análises realizadas atestam que, diferentemente do que defendem as autoras, no guineense são admitidos 16 segmentos em posição de coda. Em posição medial: [p, b, t, d, k, g, f, s, z, ʃ, m, n, ɲ, ŋ, ɬ, ɾ]; na posição final: [p, t, d, k, f, s, ŋ, ɬ, ɾ] e em coda medial e final: [p, t, d, k, f, s, ŋ, ɬ, ɾ].

Palavras-chave: Sistema silábico Coda Guineense moderno .

UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Discente, priscila@aluno.unilab.edu.br[1]
UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras - Malês, Docente, shirleyfreitas@unilab.br[2]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um dos países africanos membros da CPLP(Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) que vive um cenário de multilinguismo, compartilhando entre sua população cerca de vinte línguas étnicas ou autóctones (como balanta, mandinga, papel, fula) o guineense (também conhecido como *kriol*) como língua nacional e mais falada pela população e o português como língua oficial. O guineense, conhecido como *kriol* pelos falantes locais, é a língua mais utilizada no país. Mesmo as pessoas que possuem uma língua autóctone como língua materna, na maioria das vezes, falam também o guineense, porém, essa realidade é contrastante com as leis nacionais segundo as quais o português é a língua oficial e de prestígio.

Considerando este cenário, o presente estudo visa descrever aspectos fonológicos silábicos (precisamente a posição de coda) do guineense, língua que surge através do contato linguístico entre o português e as demais línguas étnicas. Analisando estudos feitos sobre as realizações silábicas praticadas no guineense, nota-se a ausência de consenso entre as teóricas estudadas (CHAPOUTO, 2014; COSTA, 2014). Assim sendo, este estudo visa delimitar quais consoantes são aceitáveis na posição de coda simples e coda ramificada, podendo assim apresentar a estrutura silábica do guineense, independentemente do português.

Essa pesquisa se apresenta relevante, pois ao mesmo tempo em que descreve os fones possíveis na posição de coda no guineense, corrobora com a ideia de que esta língua é independente da língua portuguesa.

METODOLOGIA

Inicialmente a metodologia utilizada baseou-se nas leituras de resenhas e textos voltados para o sistema silábico do português, como Bisol (2001), Callou e Leite (2009), Cristófaro Silva (2010) e Hora (20--), posteriormente sobre o guineense nas teses de Chapouto (2014) e Costa (2014) a fim de observar o comportamento das consoantes da língua e identificar possibilidades na posição de coda para a análise.

Num segundo momento a metodologia baseou-se na busca de palavras nos textos teóricos, além do dicionário de Scantamburlo (2002). Essas buscas se debruçaram nos estudos feitos anteriormente sobre as consoantes que podem ocupar a posição de coda no guineense em contexto medial e final. Esses vocábulos foram gravados com estudantes guineenses da UNILAB. Por consequência do isolamento social vivenciado nos últimos meses, as entrevistas foram feitas de forma virtual e com o uso de ferramenta tecnológica.

O contato inicial foi por meio de e-mail, junto a estudantes já conhecidos, que confirmaram o interesse em participar da pesquisa. Logo em seguida, eles receberam o termo de livre consentimento esclarecido, os questionários individuais com informações sociolinguísticas e as orientações de como prosseguirem, por exemplo, usar as palavras dentro de uma frase (a ser formulada pelos participantes) para que a entonação não fosse a de uma lista de palavras, referindo-se a um contexto de uso real dentro da sentença.

Após o recebimento dos áudios, foi mantido o contato com os entrevistados por meio de aplicativo de mensagem, e, em alguns momentos, foi possível sanar pequenas dúvidas. Em seguida, iniciou-se então a fase

ISSN: 2447-6161

de transcrição e análise dos áudios. Na análise dos resultados, observou-se o que as autoras Costa (2014) e Chapouto (2014) mencionam em suas respectivas literaturas, bem como as observações feitas no ambiente acadêmico com alunos guineenses da UNILAB.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contou com a colaboração de 3 (três) guineenses, todos estudantes da UNILAB e que residem no Brasil hácerca de 3 (três) anos. Essa pesquisa pretendia entrevistar pessoas de ambos os sexos, porém só foi possível contar com participantes do sexo masculino.

O questionário sociocultural aplicado corroborou com a ideia de multilinguismo que o país está imerso, seus falantes possuem diferentes línguas como língua materna(a exemplo de balanta, mandinga, papel), além disso, todos falam ao menos três línguas diferentes e aprenderam português apenas no ambiente escolar.

Quanto ao arcabouço teórico, foram feitas análises dos textos que discutem a posição de coda em guineense: Costa (2014) e Chapouto (2014).A primeira apresenta a realização de quatro segmentos possíveis na posição de coda, aproximando-se das realizações do português: /l/, /r/, /s/ e /N/, enquanto a segunda apresenta a possibilidade dos mesmos quatro segmentos apresentados por Costa (2014) (com a vibrante representada como /ɾ/) acrescentando ainda os segmentos: /p/, /t/, /k/, /f/ quando em posição de coda final. No que diz respeito aos quatro últimos fonemas, admitidos na pesquisa de Chapouto (2014), a autora traz informações de que tais fonemas só se realizariam em casos de advérbios de intensidade, contudo em que consistem tais advérbios não é explicado claramente pela autora.

Com relação às consoantes oclusivas desvozeadas [p], [t] e [k],esses segmentos apareceram em coda medial e final além de não apenas em palavras com função de adjunto de intensidade, como se vê em: *a.da[p].tal* ‘adaptado’, *a[t].mos.fe.ra* ‘atmosfera’, *a[k].ti.vi.da.de* ‘atividade’, *fa[p]* ‘música’, *dun.gu[t]* ‘pedaço de tronco’, *to[k]-to[k]* ‘meio de locomoção’.

Já entre as consoantes oclusivas vozeadas [b], [d] e [g], as autoras convergem na hipótese de inexistência desses segmentos na posição de coda no guineense, porém após fazer buscas no dicionário de Scantamburlo (2002), testaram-se algumas palavras com tais fones e todas as oclusivas vozeadas ocorreram em posição de coda medial e [d] também foi encontrado em coda final, como se pode ver nos exemplos: *a[b].sor.vi* ‘absorver’, *a[d].je.ti.vu* ‘adjetivo’, *ti.foi[d]* ‘tipo de doença’, *si[g].ni.fi.ka.du*’ significado’.

Entre as consoantes fricativas, as autoras estudadas são unânimes na defesa apenas do fone desvozeado [s], porém a pesquisa encontrou além do segmento [s], os fones [f] e [ʃ] como segue nos exemplos: *dja.pu[f]* ‘tipo de caranguejo’, *bo[f]-bo[f]* ‘bofes (pulmões)’, *pi[s].ta* ‘pista’, *dê[s]* ‘dez’, *ka[ʃ].ka* ‘casca’.

Já entre as fricativas vozeadas, diferentemente das autoras, percebeu-se a incidência do segmento [z] como mostrado a seguir: *mesmo* ‘mesmo’, *di[z].ba.li* ‘não ter valor’.

ISSN: 2447-6161

No que diz respeito às consoantes nasais, existiram poucas divergências fonéticas. Enquanto Costa (2014) defende a existência de [m] e [n] em coda medial [ɲ] e [ŋ] em coda medial e final, Chapouto (2014) não menciona existência da nasal velar [ŋ]. Neste sentido, a pesquisa corroborou com os achados de Costa (2014) em que os fones bilabial [m], alveolar [n] e palatal [ɲ] são possíveis em coda medial enquanto o fones velar [ŋ] é encontrado tanto em coda medial quanto em coda final. Os exemplos a seguir comprovam essa afirmação: *ko[m].pra*'comprar', *ka[n].ta*'cantar', *mi[ɲ].djer*'mulher', *u[ŋ]* 'um/uma', *ta.ba[ŋ].ka* 'aldeia', *ba.la.fo[ŋ]*'instrumento/xilofone'.

Em relação às consoantes laterais, apesquisa concorda com Costa (2014) que aponta a realização de [ɬ] tanto em coda medial quanto em coda final como nos exemplos a seguir: *fa[ɬ].si*'falecer', *kri.o[ɬ]* 'crioulo'

Já em relação ao fone [ɾ], a pesquisa corrobora com as autoras, esse fone pode ocorrer tanto em coda medial quanto coda final como vemos em: *ko[ɾ].pu* 'corpo', *ka.tcu[ɾ]* 'cachorro', *ma[ɾ]* 'mar'.

Além disso, outra discussão não consensual é a da coda ramificada, que, segundo Chapouto (2014) seria rara no guineense, sendo admitida apenas em palavras oriundas do português, como, por exemplo, *tra[ns].fu.son* 'transfusão', enquanto Costa (2014) não menciona tais padrões silábicos (CVCC) ou (VCC). Os achados desta pesquisa mostraram a realização de coda ramificada, vejamos: [*ns].tru.men.tu* 'instrumento', *o[bs].ta.ku.lu* 'obstáculo'.

CONCLUSÕES

Dentro do contexto das entrevistas realizadas, a pesquisa chegou à conclusão de que além dos fones existentes na posição de coda defendidos pelas autoras Costa (2014) e Chapouto (2014), também são possíveis encontrar os seguintes fones: em coda medial [p, b, t, d, k, g, f, s, z, ʃ, m, n, ɲ, ŋ, ɬ, ɾ]; em coda final [p, t, d, k, f, s, ŋ, ɬ, ɾ] e em coda medial e final [p, t, d, k, f, s, ŋ, ɬ, ɾ].

Além disso, outro achado desta pesquisa diz respeito à coda ramificada, Costa (2014) não as menciona, enquanto Chapouto (2014) alega só existir em palavras oriundas do português, porém é sabido que a maior parte das palavras do guineense é oriunda da língua portuguesa. Sendo assim, a explicação de Chapouto não é clara e essa pesquisa defende a existência da coda ramificada também no guineense.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a possibilidade de essa pesquisa ser realizada primeiramente a UNILAB por ser uma universidade que se preocupa em garantir a pesquisa em seu tripé educacional, ao projeto PIBIC que me possibilitou ingressar no universo da pesquisa, a FAPESB por me conceder uma bolsa de pesquisa durante a execução das minhas pesquisas e a minha orientadora professora Dr. Shirley Freitas por acreditar em meu potencial e sempre me incentivar.

ISSN: 2447-6161

REFERÊNCIAS

BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3.ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

CHAPOUTO, Sandra Marisa da Costa. **Contributo para a descrição de aspetos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense.** Dissertação (Mestrado em Linguística: Investigação e Ensino), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 11. ed. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 2009.

COSTA, Paula Mendes. **Descrição fonológica do crioulo guineense**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

CRISTÓFARO SILVA, Thaïs. **Fonética e fonologia do português**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

HORA, Demerval da Hora. **Fonética e fonologia**. [20--]. Disponível em: . Acesso em: 03 jul. 2017.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do guineense, volume II – Dicionário guineense-português.** Bissau/ Bubaque: Edições FASPEBI, 2002.

ISSN: 2447-6161